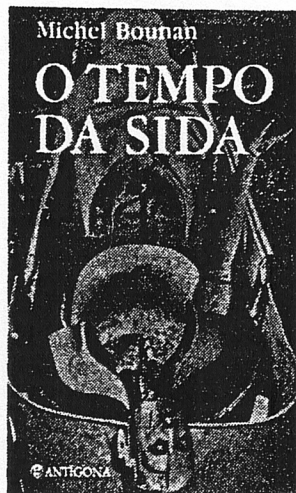


MORTES

◆ O TEMPO DA SIDA Michel Bounan

Não sendo novo este tipo de abordagem, continua pelo menos a ter o efeito de uma pedrada no charco. Aliás, muito oportuna. Desde Ivan Illich que poucos tinham ousado colocar em questão a pertinência e a soberania todopoderosa da medicina institucional (em matéria de diagnóstico e tratamento) e dos seus satélites naturais (investigação e indústria de equipamentos e medicamentos). E, sobretudo, poucos tinham apontado a própria civilização de figurino mercantilista como portadora, essa, sim, de inquietantes patologias.

Para exemplificar, Michel Bounan utiliza a sugestiva metáfora das célebres Aven-



turas de Pinóquio, representante do mundo da robotização, mas também do ser humano articulado e dividido contra si mesmo, porque feito marioneta, manipulado por todos os poderes, a ponto de perder as suas defesas estruturantes e «se dissolver na peste».

Não fosse a sida, tudo pareceria continuar, contudo, a correr no melhor dos mundos. Pelo menos, em matéria de aparências, para não falar de bons costumes do homem-marioneta. De facto, a agitação irreverente dos «Anos Loucos» já se tinha esbatido há mais de uma década para alívio de muitos. Por isso mesmo, o que se tornou assustador nesta nova/velha doença infecciosa surgida nos anos 80, para além da sua natureza mortal, foi estar associada a práticas sociais com implicações pouco apreciadas pela moral dominante e que pareciam já então não passar de um tolerável mal menor: liberdade sexual, evasão através de drogas, direito de ser diferente.

Olivro de Michel Bounan, ele próprio médico, não hesita em colocar o dedo na ferida. A sida não é propria-
(Continua na página 20)

(Continuação da página 18)
mente uma doença de libertinos, nem tampouco é importante porque a ela parece estar associada um novo vírus. É fundamental ser compreendida, mais do que qualquer outra, porque está associada a um vasto conjunto de perturbações ecológicas, alimentares, medicinais e psicológicas que fragilizam o ser humano até aos limites da sua resistência.

Em última análise, a sida remete-nos para a patogenia do nosso modo de vida e para o sentido da própria evolução histórica. Ela é, como toda a doença física ou mental, uma reacção contra as agressões do meio ambiente, portanto, uma «defesa natural» contra aquilo que nos oprime e limita o nosso crescimento sadio. É, pois, politicamente, ainda um gesto de autodefesa, com tudo aquilo que esse gesto tem de simbólico e eficaz, mesmo em termos de autodestruição.

Por isso, o autor dá-nos conta da hipocrisia que preside a toda a ritualização da sida por parte do poder, que procura acima de tudo mascarar as causas reais da doença: «O sistema que produz as epidemias de fome, as alimentações deficientes, a poluição, as toxicomanias, as perversões sexuais, a mistificação dos desejos e da sua realização — quer dizer, o conjunto dos factores indutores da sida —, financia a investigação e dirige os investigadores.»

De facto, segundo o au-

tor, a quase totalidade dos medicamentos produzidos desde à 40 anos, remédios esses que constituem a panóplia do actual terapeuta, «provocam eles próprios a destruição da autodefesa viva». E senta no banco dos réus o uso generalizado dos antibióticos, anti-inflamatórios e imunodepressores. E também o próprio AZT, uma das poucas esperanças dos infectados pelo vírus da sida. Embora Michel Bounan acuse, não deixa também de clarificar a natureza da doença e apontar algumas soluções, inclusive no campo das chamadas medicinas alternativas. No último capítulo do seu livro, intitulado «Grandeza e Miséria da Feitiçaria», fala-nos da teoria hahnemanniana da Homeopatia (utilização de um tóxico homólogo aos sintomas de uma doença específica em débil concentração ou diluição) e das respectivas pesquisas em curso. Para Bounan, assim como para o Prof. Montagnier, um pioneiro da investigação da sida, todos os meios são lícitos desde que curem com eficácia uma doença que não tem ainda meios de cura à vista. Sem esquecer, no entanto, que quem está verdadeiramente enferma é a própria civilização.

(Ed. Antígona, 160 págs., 1.890\$00)

Vitor Quelhas

◆ O MEU SUICÍDIO
Henri Roorda van Eysinga

«Quando me falam dos In-